



## PROFESSORAS QUILOMBOLAS GRITANDO POR OPORTUNIDADE

**Marinete de Almeida Lima e Silva** (Mestranda pelo PPGEN/UFMT)  
– [nethe\\_almeida@hotmail.com](mailto:nethe_almeida@hotmail.com)

GT 3: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES CULTURAIS

### Resumo:

O presente texto se caracteriza como um relato de experiência, intencionamos nesse escrito, colocar em tela a importância de valorizar as professoras quilombolas da escola Nossa Senhora Aparecida, localizada no quilombo do Chumbo em Poconé-MT. O relato resulta dos desafios vividos pelas professoras quilombolas diante das ausências das políticas públicas municipais de Poconé-MT frente a composição do quadro de profissionais da educação. Tais enfrentamentos tem provocados desempregos e deslocamentos dessas professoras na busca de outras oportunidades. Nesse contexto, tencionamos sobre as carências de políticas públicas específicas e assertivas que possam garantir a prioridade de professores locais para atuarem na escola quilombola do Chumbo. Demarcamos a relevância desse debate e esperamos que nossos “gritos” ecoem e possam reverberar discussões para que possíveis mudanças possam vir a acontecer fortalecendo assim a valorização dos profissionais locais e consequentemente a nossa identidade.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas. Educação Escolar Quilombola. Professoras Quilombolas.

### 1 Introdução

Este relato de experiência surge pela necessidade de colocar em evidência e em debate os enfrentamentos e as situações vividas por professoras quilombolas nos espaços de suas próprias comunidades, buscando neste movimento demarcar a importância da valorização de professoras quilombolas serem prioridade na composição do quadro anual de profissionais para a escola.

Sabemos que a luta do povo negro no Brasil por reconhecimento de sua contribuição com o país, de seus etnosaberes, de sua cultura, de sua história é longa e contínua. Sobre isso Castilho (2012, p. 53) enfatiza:

As lutas e resistências vigoraram durante todo o tempo de escravidão e continuam até hoje, ainda que com outra configuração, com objetivos atualizados e mecanismos de luta adequados à sociedade moderna capitalista (CASTILHO, 2012, p. 53)

Nestes moldes continuamos a ver o negacionismo e os descasos presente de maneira profunda nos quilombos do Brasil, sejam nas carências no âmbito da saúde, regularização fundiária, educação entre outros. Dentre essas ausências políticas, destacamos os desafios que a classe de professoras quilombolas que dependem de um contrato para se inserirem no mercado de trabalho na comunidade do Chumbo estão vivenciando.

Por sermos professores do campo/quilombola já enfrentamos diversas lutas para adentrarmos o quadro de funcionários na escola de nossa comunidade, as estratégias de

inserção neste espaços até o ano de 2005 era por meio de alianças de políticas partidárias, sendo assim, era preciso que o seu candidato ganhasse as eleições para que você garantisse aqueles quatro anos de emprego.

Apenas a partir de 2006 na gestão do Prefeito Clóvis Damião Martins é que foi implantada a primeira vez o processo de seleção através de contagem de pontos. Nesse primeiro momento, esse processo era realizado pela Secretaria Municipal de educação, porém no segundo mandato do mesmo prefeito, o processo foi descentralizado e a partir daí cada escola possuía sua equipe de contagem de pontos.

Ressaltamos que esse processo foi muito positivo, dinâmico e democrático, apesar de ainda não termos as especificidades de garantia das professoras na escola da comunidade, reconhecemos que foi um avanço histórico no município de Poconé. Porém atualmente, vários critérios foram modificados, dificultando a inserção das professoras na escola da comunidade, sendo que no último ano, a seleção foi realizada por empresa privada.

Esse processo de desumanização, que fere, como nos ensina Freire 2021, “não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também nos que a roubam”, (FREIRE, 2021, p. 40), assim apesar dos enftamentos que negam nossas formas existir no mundo e desumanizam entendemos que os que conosco assim o fazem, são os opressores por desconsiderarem nossa luta pela formação, trabalho e dedicação por uma educação pertinente para as crianças da nossa comunidade, mesmo isso já ser garantido na lei.

Nessa perspectiva esse relato de experiência é também denunciativo e esbraveja a realidade vivida pelas professoras da Comunidade do Chumbo, bem como, coloca em relevo a busca pela valorização de sua formação docente e da garantia pela prioridade para trabalhar na “Escola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, Município de Poconé-MT”, uma unidade do/no campo que apesar de estar em território quilombola, ainda não possui tal especificidade.

## 2 Escola Quilombola na Prática

A educação é algo que se aprende de múltiplas maneiras, dessa forma temos então “educações” (BRANDÃO, 2003), isto reforça que as maneiras diversas de se educar fazem sentido e são igualmente importantes, o mesmo autor continua dizendo que as maneiras de educar são diversas e diferentes, pensando por esse viés entendemos que a educação quilombola resistiu a tantas formas de opressão, mas que deve ser vista como a

única que dá sentido à vida dessa população, onde se aprende com seus ancestrais e se perpetua a força e a resistência entre os seus.

As leis e resoluções que regem em torno da educação escolar quilombola como: a Lei 10.639/03, 11645/08, a Resolução 08/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na educação básica a qual garante em seu artigo 48 a preferência por professores quilombolas para atuarem nas comunidades quilombolas. A nível de Mato Grosso temos as Orientações Curriculares para a Educação Quilombola de Mato Grosso publicada em 2010 reforçando as mesmas garantias, porém na prática estão longe de serem efetivadas, já que ainda se atribui a esses direitos como sendo o de que queremos privilégios, que a nossa luta é excludente em relação à outras pessoas, porém sabemos que essas conquistas não passam de reparações por todo nosso histórico de mais de 350 anos de extrema exclusão, os quais continuam disfarçados, dessa forma essas negações estão sim desrespeitando os direitos constitucionais que foram conquistados.

Sabemos que o fato de as professoras pertencerem à comunidade carrega em si toda uma bagagem que faz toda a diferença no ato de ensinar, pois há um envolvimento maior com a comunidade, com a história local, com a valorização cultural e com a formação de um todo das crianças, trata-se de um trabalho voltado para o fortalecimento da identidade quilombola e, sobre isso Castilho (2012, p. 93) nos diz:

As identidades desses grupos não se definem pelo tamanho e pelo número de seus membros, mas pela experiência vivida e pelas versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Trata-se, portanto, de uma referência histórica comum, construída a partir de vivências partilhadas (CASTILHO, 2012 p. 93)

Partindo desse princípio é possível entender a relevância das professoras quilombolas ocuparem os espaços escolares, afinal, estes profissionais vivenciam e compartilham uma trajetória de luta, resistência e cultura em comum que podem fazer diferença na educação das crianças de suas comunidades. No entanto, esse reconhecimento ainda é tímido e ausente, visto que há anos a luta pela conquista de uma vaga na escola é grande e acirrada, somando-se a isso, vemos a crescente taxa de desemprego. Tais situações tem provocado um crescente número de pessoas se deslocando de outras cidades, inclusive da capital Cuiabá, para nossas comunidades em busca de emprego.

Como os processos seletivos ocorrem em sua maioria por contagem de pontos<sup>1</sup>, este período é marcado por preocupações das professoras alcançarem a pontuação máxima, visto que assim as chances de concorrerem e garantirem a vaga são mais efetivas, caso contrário a possibilidade fica ainda mais remota.

Nos últimos anos, a maioria dos profissionais não conseguiram se inserir no quadro municipal, porém por haver uma sala anexa da Escola Estadual Dom Francisco de Aquino Corrêa com atendimento da educação de Jovens e adultos na comunidade, no qual existe nas portarias de contagem de pontos a lei que prioriza a atribuição de professores quilombolas em suas comunidades em primeira instância, tem garantido a inserção, ainda que o número de vagas seja bem restrito.

É preciso ressaltar que mesmo nesses casos acima citado a luta dessas mulheres é árdua e que só há esse respeito devido as reivindicações constantes, contendo inclusive denúncias e intervenções pela Secretaria Estadual de educação para que se respeite as portarias e deem prioridades as professoras locais. Porém isso não tem sido suficiente e nos últimos dois anos a maioria das professoras desta comunidade estão desempregadas e nas unidades escolares do quilombo estão atuando profissionais de várias outras localidades.

A educação escolar quilombola parte de princípios de valorização da educação quilombola, e este, sempre foi respeitado principalmente por aqueles que vivem essa realidade, como no caso das professoras que nos últimos anos tem trabalhado no fortalecimento da identidade do nosso povo, trabalho que tem surtido resultados positivos nos educando de nossa comunidade, uma vez que hoje vemos nossas crianças e jovens entendendo o que é ser quilombola, se enxergando como cidadãs e cidadãos de direitos, que precisam conquistar espaços e principalmente valorizando o que é seu e sentindo orgulho de seu povo e de sua história.

Brandão (2003, p. 25) nos diz que:

Quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas, ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia e ajuda o barro a que se transforme quanto a forma que iguala e deforma. (BRANDÃO, 2003, p. 25).

Ao refletirmos sobre os escritos do autor percebemos que o polimento que está sendo dado aos nossos educandos a partir de uma educação quilombola contextualizada tem trazido resultados relevantes, nesse ensejo, alertamos para os possíveis desafios que

---

<sup>1</sup> Apenas no ano de dois mil e dezoito foi realizada seletiva mediante prova.

podem ser provocados se tivermos professores que desconhecem essa especificidade ou ainda que não trabalhem na luta para tais especificidades, como a desconstrução de todo um movimento de luta e retrocessos na construção de uma educação pertinente, libertadora e humanizadora.

### **3 Nosso Entoar de Revolta pelos Ares<sup>2</sup>**

Os povos quilombolas viveram e ainda vivem um forte processo de negação e exclusão, apesar disso, lutaram e continuam lutando por espaço e por direitos, e nesta perspectiva de encontram as professoras do Chumbo que ao adotar uma pedagogia freiriana, se veem no mundo e querem que seus sucessores tenham uma educação libertadora, pois isso trará aos nossos jovens mais justiça, dignidade e equidade.

Por tudo isso, afirmamos a necessidade das lutas e reivindicações para que as políticas públicas da educação escolar quilombola seja de fato efetivada por parte dos municípios e conseqüentemente essas professoras possam ser valorizadas dentro dos espaços escolares de suas comunidades, e com isso, garanta-se também a formação de uma educação voltada para o fortalecimento da identidade negra, dos etnosaberes, da cultura para culminância de uma educação antirracista.

Hoje a nossa inquietação e luta continua para que tenhamos um edital que priorize os profissionais e percebam que as escolas campo/quilombolas necessitam de um olhar diferenciado e que a mudança contínua no quadro de professores enfraquece um educação contextualizada e que valorize dos etnosaberes, assim, vemos a necessidade desse debates e esperamos que nossos “gritos” ecoem e possam reverberam discussões para que possíveis mudanças possam vir a acontecer fortalecendo assim a valorização dos profissionais locais e conseqüentemente a nossa identidade

### **Referências**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 42.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CASTILHO, Sueli Dulce de. **Cultura, famílias e educação negra rural de Mata Cavallo**. Dissertação de Mestrado. São Paulo-SP: PUC, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77.ed. Paz e Terra: 2021.

SENRA, Ronaldo E. F. **Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do Quilombo Mata Cavallo**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá-MT: UFMT, 2009.

---

<sup>2</sup> Título construído com referência a música Canto das Três Raças de composição de Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte/1974.